



“Nem fome, nem bala e nem covid. O povo negro quer viver!” A atuação da Coalizão Negra por Direitos durante a pandemia

Palavras-Chave: movimento negro, movimentos sociais, covid-19

Autores/as:

**Matheus Henrique Hilário dos Santos Fagundes - IFCH - UNICAMP
Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira Tatagiba (orientadora) IFCH - UNICAMP**

Introdução

Esta pesquisa tem como objeto de estudos a organização Coalizão Negra por Direitos e foi desenvolvida entre 2020 e 2021. Os objetivos são os de procurar compreender como se deu a atuação da organização durante a pandemia do novo coronavírus e, especialmente, quais ações realizaram. Outro objetivo é o de refletir sobre as ideias da organização, seu projeto político e sua relação com o movimento negro, instituições, movimentos sociais e partidos. Para isso, a metodologia utilizada foi a de uma análise das redes sociais da Coalizão e busca por reportagens, vídeos e demais materiais por onde se foi registrando as ações de combate à pandemia e de mobilização da organização.

A relevância do tema está fundada na observação de que após 2020, especialmente após as mortes de George Floyd nos EUA e de João Alberto, em um supermercado da rede Carrefour, o debate racial faz um movimento de saída das esferas acadêmicas e do ativismo, adentrando à esfera pública, mobilizando mídias, partidos, instituições e a sociedade; sendo também objeto de contradição e disputa. De mesmo modo, entende-se a pandemia do coronavírus como um contexto de impacto a tudo isso. Observou-se na Coalizão Negra um protagonismo crescente no último ano, enquanto organização que pautou o racismo no país e procurou combater os efeitos adversos da pandemia. Desse modo, esta pesquisa, procura registrar esses eventos e iniciar uma reflexão sobre o papel do movimento negro no período pandêmico e pós-2020. Por fim, esta pesquisa está vinculada a um projeto maior do Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC) do IFCH-UNICAMP, que visa entender o papel dos movimentos sociais durante a pandemia do COVID-19, a partir de reflexões sobre o papel da solidariedade, das redes e organizações frente às mudanças que ocorrem no país e foram intensificadas dado o novo contexto.

A pandemia: relações entre raça e saúde

Uma situação ilustra bem o caso brasileiro: O primeiro caso registrado de coronavírus no país foi feito no dia 26 de fevereiro de 2020, sendo de um homem branco de 61 anos (nome não informado) que havia viajado até a Itália e retornou. Ele deu entrada no Hospital Albert Einstein e se recuperou da doença. Já a primeira morte registrada pelo vírus no país, no dia 12 de março, foi a de Rosana Urbano, 57, faxineira, que morava com marido e filho em um conjunto habitacional em Cidade Tiradentes, no extremo leste de São

Paulo (Folha de S. Paulo, 2021). Essa situação ilustra o que se desenrolaria conforme os meses iam avançando: uma desigualdade sobre quem viverá e quem morrerá.

A relação entre o coronavírus e a população negra e/ou pobre, ampliou as desigualdades já existentes, seja precarizando ainda mais as condições de trabalho daqueles que já estavam precarizados, ou gerando um trabalho a distância impossível para alguns e afetando também aqueles do setor informal da economia e que possuem maior risco de perder a ocupação (BARBOSA *et al*, 2021). Dados do próprio SUS indicaram o perfil da letalidade do vírus, que matou mais pobres e pardos, mais homens que mulheres e mais jovens do que em outros países (Época, 2020). Segundo pesquisadores da Fiocruz, “identifica-se que a evolução da proporção de óbitos, do primeiro boletim em que houve a estratificação por raça/cor, ao último boletim, é de 62,9% para 41% em brancos e de 34,3% para 57% em negros” (DE OLIVEIRA *et al*, 2020). No início da pandemia, número de negros mortos por coronavírus foi cinco vezes maior, da mesma forma que as hospitalizações de pretos e pardos subiram mais do que em brancos e, em São Paulo, recorde de mortes ocorreram onde população negra é maior (A Pública, 2020). Todos os dados já compilados exibem o quanto raça, gênero, território e outras variáveis são importantes para se compreender um fenômeno tal qual a pandemia. Na esteira dessas observações, é que emerge o trabalho da Coalizão Negra por Direitos, que teve que incorporar em sua agenda, o combate à fome, violência e desemprego gerados pelo contexto agravante.

A Coalizão Negra por Direitos – agendas e princípios

A Coalizão Negra por Direitos surge para o público oficialmente no final de 2019 e logo tem como marco um encontro realizado na Ocupação 9 de Julho, em São Paulo. O encontro ocorreu com mais de 100 organizações do movimento negro brasileiro, de 20 estados, e teve a presença de lideranças do Black Lives Matter, Movement for Black Lives –ambos dos EUA - Jahin da África do Sul e de outros países como Togo, Colômbia e Equador. A entidade se organiza a partir de uma Carta Proposta, com 14 princípios e 25 agendas para com o Estado brasileiro. Nessa Carta, afirmam que o legado do movimento negro brasileiro e da população negra é o de “resistência, luta, produção de saberes e de vida” apesar da perseguição sistemática organizada pelo Estado brasileiro à esses grupos” (Coalizão Negra por Direitos, 2020). Afirmam que em oposição à face dominante da elite “branca-hétero-cis-velha e rica”, a transformação está nas “mulheres, homens, jovens e LGBTTTQI+, favelados e periféricos, aquilombados e ribeirinhos, encarcerados e em situação de rua, negras e negros que representam a maior parte da população”. Com isso, concluem sua carta proposta afirmando que a “ação articulada” da população negra brasileira e da diáspora africana devem trabalhar por uma “incidência política em nosso próprio nome” a partir dos “valores da colaboração, ancestralidade, circularidade, partilha do axé (força de vida herdada e transmitida), oralidade, transparência, autocuidado, solidariedade, coletivismo, memória, reconhecimento, respeito às diferenças, horizontalidade e amor”. Incluem nisso, como programa, a “defesa da vida, do bem-viver e dos direitos duramente conquistados” (*ibid*) não só para lutar pelo fim do racismo, mas também de todas as opressões.

Seu surgimento se dá a partir de diálogos construídos ao longo do tempo entre lideranças de organizações negras que observaram a diminuição de seu protagonismo e a necessidade em pautar suas

demandas, ao passo que iam encontrando tendências e permanências de uma sociedade que estimulava práticas de morte, encarceramento, desigualdades e autoritarismo, ainda mais após a eleição de Jair Bolsonaro à presidência em 2018. Esse fato elevou a necessidade, segundo os integrantes, em se pautar coletivamente as demandas da população negra. Segundo Douglas Belchior, co-fundador da UNEAfro Brasil, grupo que integra a Coalizão, “em momentos chaves de grandes crises e viradas de páginas, o movimento negro se articula nacionalmente. A eleição do Bolsonaro deflagra um momento crucial, pois já imaginávamos que o governo Bolsonaro seria cruel com a população negra como se confirmou logo nos primeiros meses de governo dele”, explica (RioWatch, 2020).

Coalizão na pandemia: entre campanhas, notas e protestos

A Coalizão procura ser a efetivação prática das redes estruturadas entre organizações e ativistas que estão ligados às identidades compartilhadas pelo movimento negro brasileiro. Melucci (1996) diz que as redes sociais facilitam o investimento na ação coletiva por estarem ligadas à vida cotidiana e à identidade do grupo. Isso é transformado em ação coletiva pois são consideradas a “identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum e quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER-WARREN, 2006). A força da Coalizão não está nela sozinha, mas no fato de ela ser formada por várias outras organizações. Essa relação pressupõe solidariedade e Alonso (2009) vai nessa direção, adicionando uma ideia de solidariedade aos grupos, através de uma combinação entre pertencimento a uma categoria e a densidade das redes interpessoais que vinculam os membros do grupo entre si. No início de 2020, a Coalizão havia estava focada na denúncia internacional do Estado e do governo brasileiro, a partir das idas à OEA¹ e na ONU², como tinham feito em 2019. Contudo, com o início da pandemia, os focos tiveram que mudar. Abaixo, relação das campanhas, protestos e demais ações realizadas em 2020-2021, seguidas de breves comentários.

Campanhas

- “Auxílio até o fim da pandemia” – Campanha junto a outros movimentos. Idas ao Legislativo, *hashtags*, sites especiais e vídeos a fim de mobilizar a sociedade em prol da extensão do auxílio dado pelo governo.
- “Enquanto Houver RACISMO, Não Haverá DEMOCRACIA” - Na esteira das morte de George Floyd nos EUA; aumento do discurso contra as instituições por Bolsonaro; protestos antifascistas; morte de Miguel (5 anos) no Pernambuco e João Pedro (14) no Rio de Janeiro; a Coalizou divulgou um manifesto na Folha de S. Paulo, com 132 lideranças - “uma para cada ano da abolição inconclusa”, fez uma campanha com matérias e debates-virtuais questionando os debates do momento e chamando para uma ação “verdadeiramente antirracista”.
- “Movimento Negro pelo Impeachment”: pedido de impeachment, o primeiro feito pelo movimento negro na história, realizado no dia 12 de agosto de 2020. Alegando crimes de responsabilidade por parte do presidente, o pedido também tem embasamento de que a política de “deixar morrer ou

¹ Organização dos Estados Americanos

² Organização das Nações Unidas

pegar” de Bolsonaro acaba por prejudicar a vida dos mais vulneráveis e por consequência, dos negros. Além do endosso das mais de 150 organizações que compõem a Coalizão, o documento traz mais 600 assinaturas de entidades do país e de intelectuais, artistas e ativistas. Para também fortalecer essa campanha, além do repertório recorrente das assinaturas, a Coalizão novamente fez um ato simbólico na Esplanada dos Ministérios.

- “Se tem gente com fome, dá de comer!”: De mesmo modo, com o agravamento das condições de vida da população, organizaram uma grande campanha de arrecadação de alimentos e doações intitulada “Se tem gente com fome, dá de comer!”, título esse retirado do poema do poeta negro Solano Trindade “Tem gente com fome”. A campanha seguiu a tradição de outras anteriores e contou com site especial, vídeos e assinaturas. Nota-se aqui que, diferente das campanhas anteriores, essa já tem uma participação e apoio maiores de outras organizações e personalidades. Nos vídeos soltos pela internet, rostos conhecidos aparecerem e até vinculação na Rede Globo, através do Jornal Hoje e da Globonews ocorreram.
- Campanha “#REFORMARACISTANÃO”: A campanha foi pautada em exibir como as mudanças propostas pela Câmara, especialmente a do “distritão” causaria ainda mais uma sub-representação política da população negra. Além disso, foi propositiva também, apontando a necessidade em se afirmar as cotas para pessoas negras, mulheres, pessoas trans e indígenas nas eleições. Utilização de site, abaixo-assinado virtual, pressão por e-mail e nas redes sociais, ida a Brasília, ato no Salão Verde da Câmara dos Deputados, *tuitaço*, entrevistas, reportagens e reunião com parlamentares.

Protestos

A Coalizão tem ocupado as ruas constantemente desde o seu surgimento. Quando da Chacina de Paraisópolis, das mortes de Agatha, Evaldo, João Pedro, Miguel, João Alberto de Freitas, Kauã e Kathlen Romeu, a organização realizou protestos nas avenidas, portas de delegacias, Poder Judiciário e supermercados. Une-se a esses atos, vigílias, *tuitaços* e escritos para a imprensa. Além dos atos contra morte de pessoas negra, a organização tem tomado a iniciativa e se unido a outros movimentos sociais e partidos nas iniciativas de todas as manifestações contra o governo Bolsonaro, desde 2020. O *slogan* adotado nas redes dá o tom de sua posição: “Nem fome, nem bala e nem covid. O povo negro quer viver!”. “Para dar freio ao genocídio negro, fora Bolsonaro!”. A Coalizão faz o “bloco-preto”, onde ocupa as avenidas com uma bateria, megafone, bandeiras, faixas menores e outra enorme, que cobre as pessoas, com o logo da organização. Por fim, registro aqui que além das campanhas e do protesto, a Coalizão tem como repertório outras ações. Estas derivam da relevância e urgência do tema, mas são importantes pois marcam a posição da organização nas mais diferentes discussões. Muitas vezes, um repertório de ação é realizado em conjunto a outro, como uma campanha somada a um manifesto. Das registradas, temos: manifestos; notas; notas de solidariedade e denúncias judiciais. Abaixo, apresento alguns dessas:

- Ação Civil Pública contra Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares
- Manifesto “Denúncias ao governo federal e em defesa da população quilombola
- Manifesto “Racismo e Genocídio sem fim: sobre a Chacina do Jacarezinho

- Nota: “muitas mortes por covid-19 seriam evitadas no Brasil, se não houvesse o racismo na vacinação”
- Nota: Bolsonaro promove gestão eugênica, supremacista branca e genocida na pandemia de covid-19
- Nota: Apoio aos povos indígenas e contra o PL490

Conclusões:

A partir dessa pesquisa, pode-se concluir que a Coalizão Negra por Direitos tem assumido protagonismo na condução das reivindicações e posições do movimento negro a nível nacional. Ela tem conseguido se articular com partidos, movimentos sociais, terceiro setor, imprensa e instituições, se colocando enquanto um ator que procura ter relevância no debate público. O mais interessante, é a respeitabilidade que ela tem ganhado junto à diferente espaços – negros ou brancos; e também, sua aposta no formato de coalizão – unindo mais de 150 organizações negras do país – que também exhibe uma nova condição de mobilização do movimento negro. Observa-se que, ela tem feito o que se propõem a fazer: “incidir politicamente, em nosso nome”. E é aí que reside o seu projeto político, pois, entendo, que ela tem procurado ser uma liderança política nacional, oriunda e voltada a questão racial, mas com um projeto de país. Sua atuação na pandemia tem sido definidora disso, a partir de seu empenho na promoção do debate público sobre racismo, defesa dos direitos humanos e dignidade da população negra.

Bibliografia

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda *et al.* **Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?** Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise: n. 69, jul. 2020, Brasília, v. 69, julho 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10291>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LOTUFO, Paul. **A extenuante tarefa de contabilizar mortes.** Folha de S. Paulo, São Paulo, ano 101, n. 33.581, 11 mar. 2021. Tendências / Debates. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2021/03/a-extenuante-tarefa-de-contabilizar-mortes.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SOARES, Marcelo. **Dados do SUS revelam vítima-padrão de Covid-19 no Brasil: homem, pobre e negro.** Época, São Paulo, 3 jul. 2020. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/dados-do-sus-revelam-vitima-padrao-de-covid-19-no-brasil-homem-pobre-negro-24513414>. Acesso em: 16 ago. 2021.

DE OLIVEIRA, Roberta Gondim *et al.* **Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural.** Cadernos de Saúde Pública - Fiocruz, Rio de Janeiro, n. 9, ed. 36, setembro 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1177/desigualdades-raciais-e-a-morte-como-horizonte->

consideracoes-sobre-a-covid-19-e-o-racismo-estrutural. Acesso em: 16 ago. 2021.

MUNIZ, Bianca *et al.* **Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil.** A Pública, [S. l.], 6 maio 2020. Especial Coronavírus. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS. **Carta Proposta da Coalizão Negra Por Direitos**, 2020. Disponível em: <https://coalizaonegrapordireitos.org.br/sobre/>. Acesso em: 12 maio 2021.

LIMA, Tatiana *et al.* **Um Pacto Entre as Organizações do Movimento Negro Brasileiro: A Coalizão Negra Por Direitos.** RioWatch, Rio de Janeiro. 20 nov. 2020. Disponível em: <https://riononwatch.org.br/?p=51737>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MELUCCI, Alberto. 1996. **Challenging codes: collective action in the information age.** Cambridge: Cambridge University Press

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Sociedade e Estado [online]. 2006, v. 21, n. 1, pp. 109-130. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>. Acesso em 13 ago. 2021.